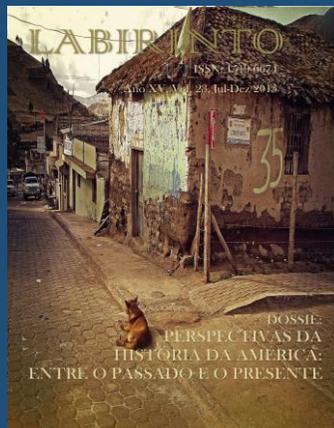


UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR  
DE ESTUDO E PESQUISA DO  
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XV  
VOLUME 23  
(JUL-DEZ)  
2015  
PP. 262-277.

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRÁTICA DOCENTE** (*THE IMPORTANCE THE READING OF THE TEACHING PRACTICE*)

MOISÉS JOSÉ ROSA SOUZA

*Mestre em Educação pela Universidade Federal de Rondônia*  
*Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Rondônia*  
*moises.souza@ifro.edu.br*

**RESUMO:** Este artigo apresenta o resultado da pesquisa realizada junto aos professores das séries iniciais, de uma escola da rede estadual de ensino, em Colorado do Oeste - Rondônia. A investigação alicerçou-se nas respostas do questionário distribuído a todos os professores do 1º ao 5º ano. Primeiramente, embasado na revisão bibliográfica, este trabalho faz considerações sobre a leitura e sua importância no processo de compreensão e, em seguida, versa sobre a leitura na prática docente, objetivando demonstrar, em que medida, a leitura faz parte da vida profissional e do trabalho em sala de aula. Por fim, expõe os dados da pesquisa realizada e, por meio do resultado, analisa se os professores trabalham a leitura com seus alunos; quais metodologias usam; enfim, como vem sendo abordada a leitura na prática docente. Os resultados deste estudo evidenciam a contradição acerca da leitura, pois, embora os professores considerem-na importante, não a têm como hábito na vida nem atividade constante em sua sala de aula. Isso ratifica que é imperativo discutir e fomentar ações que protagonizem a leitura como atividade imprescindível à prática docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Prática docente; Aprendizagem.

**ABSTRACT:** This paper presents the results of research conducted with teachers of the lower grades, a state school education in Colorado do Oeste - Rondônia. The research

took place in the first semester of 2012 and its foundations in the questionnaire was distributed to all teachers from 1st to 5th grade answers. First, based on the literature review, this study raises questions about reading and its importance in the process of understanding and then turns on the reading in the teaching practice, aiming to demonstrate to what extent reading is part of the professional life and work in the classroom. Finally, exposes data from survey and through income, analyzes whether the reading teachers work with their students; methodologies which use; Finally, as has been approached reading in teaching practice. The results of this study show the contradiction about reading because, although teachers consider it important not to have a habit in life or constant activity in your classroom. This confirms that it is imperative to discuss and promote actions that protagonizem reading as an essential activity to teaching practice.

**KEYWORDS:** Reading; Teaching practice; Learning.

Ler é perceber, compreender, reagir e interagir-se com o mundo extraordinário de mensagens, que promove um processo contínuo de troca de experiências entre o leitor e o autor. A leitura não é um ato automático, linear, não pode ser apenas um modo para o indivíduo obter informações sem confrontar os sentidos. Ela pode ser compreendida como perspectiva crítica que pode possibilitar múltiplas interpretações, que pode suscitar novos sentidos e levar o leitor a estabelecer uma relação ativa com o texto e com a realidade circundante. Enfim, ela é uma prática que aguça nossa capacidade de compreensão do mundo.

Pensando nisso, a discussão sobre o papel da leitura na vida de qualquer pessoa é relevante e se faz necessária, pois propiciará aos profissionais que trabalham diretamente com essa prática, em especial o professor, subsídios para repensá-la e efetivar metodologias para que ela seja efetivamente trabalhada em sala de aula.

Dito isto, no contexto educacional, especificamente, na dimensão escolar e de sala de aula, a leitura deve ser prática constante, pois é por meio dela que os indivíduos têm acesso a informações que, depois de processadas e refletidas, se transformarão em conhecimento. Sabe-se que há várias formas de buscar

informação e conhecimento, no entanto nenhum é mais eficaz que a leitura. É por meio dela que a aprendizagem se constrói de maneira sólida, assim, o que deve ser ensinado pelo professor e aprendido pelo aluno têm na leitura sua base, como assevera (CAGLIARI, 2003, p.148): “A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura”. Cagliari, em seu discurso aqui citado, ratifica a importância da leitura como atividade fundamental para todos os indivíduos e a necessidade da prática da leitura ser referendada pela escola.

Na escola, a leitura pode até ser entendida como relevante, mas nem sempre é tomada como prática diária nem defendida por aqueles envolvidos com a formação dos indivíduos. Não queremos aqui direcionar a responsabilidade do trabalho com leitura apenas ao professor e ao aluno. Todos os outros setores da escola precisam entendê-la como essencial não só para passar o tempo, por prazer, mas, sobretudo, como meio para adquirir novos conhecimentos, ratificar outros e refletir acerca do que já se sabe. Para isso, todos precisam estabelecer objetivos claros no tocante à leitura, bem

como criar condições para que ela seja efetivamente posta em prática.

Neste trabalho, há o resultado da pesquisa realizada com os professores das dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola da rede estadual de ensino, em Colorado do Oeste – Rondônia. A investigação alicerçou-se nas respostas do questionário distribuído a todos os professores do 1º ao 5º ano. Inicialmente, por meio das contribuições de autores, há reflexões sobre as implicações da leitura na prática docente, bem como no processo de ensino e aprendizagem. Depois expõe os dados da pesquisa realizada e, por meio deles, discutiu-se como os professores trabalham a leitura com seus alunos; quais metodologias estão usando; enfim, como vem sendo abordada a prática da leitura na sala de aula.

### **A LEITURA ESCOLAR NO CONTEXTO ATUAL**

Vivemos numa era em que a tecnologia influencia enormemente o modo de vida das pessoas. Nos dias atuais, deparamo-nos com alunos que sabem perfeitamente manusear um computador, mas infelizmente não se pode dizer o mesmo em relação à

leitura e, como consequência, acentuam-se as dificuldades no domínio da linguagem, tanto na dimensão de compreensão como na de expressão daquilo que se pensa. Talvez a esses gênios do computador, falta motivação para a leitura. O que será que está faltando? Empenho dos professores? Mudanças nas metodologias? Interesse dos alunos? Bem sabemos que são muitas as causas, pois esse mundo tecnológico é atrativo, cativante e as aulas, às vezes, não causam o mesmo impacto, não motivam a vontade dos alunos em estudar.

Por conta desses fatores, precisamos repensar as práticas pedagógicas com vistas a consolidar positivamente as possibilidades oferecidas pela leitura no sentido de alargar a compreensão daquilo que nos cerca, em busca da aquisição de conhecimentos, desenvolvemos a imaginação e o raciocínio crítico. Como afirmam (FERREIRO & GOMES PALÁCIO, 2003, p.21) “Ler é buscar significado, e o leitor deve ter um propósito para buscar significado no texto”. Quanto a isso, a leitura surge como recurso que nos permite entrar em contato com outros mundos, ampliar nossos conhecimentos além dos horizontes, desenvolver a comunicação e a compreensão, ela nos transporta às mais variadas realidades, ajuda-nos a ser cidadãos,

coloca-nos à frente das mais variadas situações em um mundo misterioso e complexo. É necessário que a leitura seja trabalhada levada aos alunos desde cedo, antes mesmo de iniciarem a alfabetização, esse contado é importante, pois ajuda a despertar o seu interesse e gosto pelos livros. Incentivá-los é um compromisso que deve ser assumido por todos.

O desafio para tornar a prática de leitura uma constante em nossa vida e em nossas escolas não é fácil. É necessário desenvolver práticas e construir meios que propiciem a atração por ela na mais tenra idade, uma vez que é na infância que a criança está descobrindo seu microcosmo, seu mundo, está despertando para a realidade e tentando participar desta com suas novas fantasias e descobertas. Neste sentido, um dos instrumentos imprescindíveis para iniciar essa formação geral, com a possibilidade de tornar cidadãos críticos, autônomos e atuantes, nesta sociedade em constante transformação, é a leitura. Ela, por meio de práticas variadas, pode promover, de maneira direta ou indireta, no indivíduo uma reflexão sobre seu contexto social, uma vez que o movimento dialético proporcionado pela leitura insere o leitor na história deste milênio e o constitui como agente produtor de seu próprio futuro.

De acordo com Teberosky & Tolchinsky:

Ler é uma atividade cognitiva complexa, é um processo constante de geração e verificação de hipóteses a partir de diversos indicadores. Quando lemos, fazemos suposições prévias sobre o que será dito no texto. Estabelece-se uma relação entre o que já sabemos e a informação que o texto nos traz (TEBEROSKY & TOLCHINSKY, 2000, p.150).

Os desafios são muitos, por isso se torna necessário um esforço coletivo no sentido de reconhecer as contradições da sociedade em que vivemos e refletir sobre ela. Nesse sentido, a leitura é prática imprescindível a ser desenvolvida pelo professor e pelo aluno, com vistas a uma melhor forma para adquirirem conhecimento. É preciso contribuir mais em benefício da coletividade, ajudar a buscar um caminho onde haja espaço para que todos estejam dispostos a sacrificar algo em benefício de uma aprendizagem verdadeiramente possível. Nessa perspectiva, acentua-se a necessidade de o indivíduo tornar-se leitor, pois se percebe que sua participação no contexto social

depende de sua visão de mundo, de seus valores, de seus conhecimentos, de sua reflexão e visão crítica, enfim, da leitura como instrumento do conhecimento.

Cultivar a leitura no interior da escola é um processo que requer dos professores e os demais envolvidos neste processo um compromisso social a fim de fazer um intercâmbio entre o saber sistematizado e o saber informal que o aluno adquire no decorrer da vida escolar. Como afirma (ABUD,1987, p. 6) “a leitura é base para a aquisição de uma cultura geral; ela é, portanto, o alicerce da aprendizagem escolar”. Ler é adentrar em outros mundos, é questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita.

O papel do indivíduo, na busca de uma sociedade mais justa, está vinculado à educação e ao que ela pode proporcionar-lhe em função de uma consciência crítica. Mas para isso é preciso de algo que lhe ofereça e que desperte interesse e principalmente significativo para sua vida; que ele possa vir para escola com um leque de conhecimento prévio e a escola dê a oportunidade de compartilhar e vivenciar em sala este saber de forma construtiva.

#### **A LEITURA NA SALA DE AULA: CAMINHO CERTO PARA A APRENDIZAGEM**

Como é sabido, neste trabalho há considerações sobre a leitura e sua importância no processo de compreensão do que se lê. É também resultado da investigação acerca da leitura na prática docente, cuja questão norteadora intentou responder, em que medida, a leitura faz parte da vida profissional docente e de seu trabalho em sala de aula. Vale ressaltar que, para pensar ações que potencializem a leitura como atividade constante da prática docente, é preciso que se saiba como está a realidade dessa questão.

No ambiente escolar, a leitura desempenha papel extremamente relevante para a aprendizagem dos mais variados conteúdos, das mais diversas áreas do conhecimento. Portanto, a aprendizagem está condicionada, de certo modo, à capacidade do leitor, ao acesso aos mais variados tipos e gêneros textuais e, ainda, à quantidade e intensidade da prática de leitura promovida pela escola.

Nesse sentido, Luiz Carlos Cagliari diz:

É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a

escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma “herança” maior do que qualquer diploma (CAGLIARI, 2003, p.148).

O papel do professor como mediador entre a leitura e o aluno torna-se cada vez mais importante, pois sua participação no processo de desenvolvimento da

criança influencia sobremaneira na formação do gosto pela leitura.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* chamam-nos atenção para a importância de formar leitores competentes, com capacidades e habilidades de compreenderem aquilo que leem, ao afirmar que “Um leitor competente é alguém que compreende o que lê” (1997, p. 54), sugerem leituras por meio de jornais, de revistas, de fotos de família, enfatizam a importância de ler imagens, uma vez que estas, além de serem textos, se compõem como unidade significativa. Também sugerem que o professor desenvolva práticas leitoras com textos de diferentes gêneros, mas priorize os que circulam socialmente. O professor deve estar consciente de que a leitura de textos diversos enriquece a vivência dos alunos, contribuindo para a formação do repertório do leitor quanto à diversidade de gêneros, dos recursos linguísticos, da utilização dos sinais de pontuação, da seleção de palavras, da organização textual.

Essas atividades despertam no aluno ideias de intertextualidade contidas em outros textos já conhecidos, ocorrendo assim uma leitura significativa que pode levá-lo ao prazer que a leitura proporciona, à vontade de dividir as descobertas, as quais serão para a

vida toda. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* avaliam também que a escola não oferece ou pouco proporciona aos alunos atividade de leitura suficiente para que sejam leitores competentes. São poucos os exercícios que atendem à correta faixa etária, ao meio cultural em que vivem e ao grau de entendimento, assim como à valorização do conhecimento de mundo dele. Essa realidade problemática se acentua quando não há referendada nos programas escolares a leitura como algo prazeroso e sim como obrigatório.

Como afirma Maria Helena Martins:

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, por mais que doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura,

o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. (MARTINS, 1982 p. 23)

Como atividade obrigatória, a leitura se resume ao simples tédio. Tal postura leva o ato de ler a uma ação enfadonha, acrítica, automática, mecânica e, dessa forma, distante de uma categoria que relacione leitura à satisfação e ao bem-estar, comprometendo, assim, que seja entendida como fonte de lazer e de aprendizagem na busca pelo conhecimento.

Quando se fala em aprendizagem obviamente a importância da leitura excede a dimensão lúdica e prazerosa, atividades também importantes e necessárias. A leitura como escopo, sobretudo no contexto escolar, eleva a possibilidade de obter informações diversas, expandir conhecimentos prévios e construir outros numa linha sempre ascendente. Por meio dela, o indivíduo pode produzir melhores textos, comunicar-se com desenvoltura, argumentar na defesa de algo em que se acredita. Assim, é patente afirmar que ler deve ser prática presente na vida das pessoas a todo o momento, pois envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que a antecede e o que dela

decorre, por isso é patente afirmar que a leitura propicia um caminho certo para a aprendizagem.

Atitudes como gostar de ler precisam ser introduzidas no cotidiano dos alunos, oportunizando-lhes o mundo mágico da leitura, mesmo antes de a criança aprender a decifrar códigos escritos. Por meio de imagens, filmes, histórias contadas pelos alunos, por pessoas da comunidade, pelo próprio professor, é preciso proporcionar momentos de leitura em sala de aula em que os alunos sejam expostos a situações de leitura. É necessário que os alunos ouçam alguém lendo e que eles mesmos leiam para que outros os ouçam e entendam a leitura que fazem. Vale ressaltar, ainda, a necessidade de permitir-lhes comentar o que ouviram e o que leram, pois, o comentário faz com que a leitura tenha sentido e não uma mera sucessão de sons provocados pela correta decodificação dos sinais escritos sobre a página. Isso contribui para aprender a ler, para gostar de ler e para ler bem futuramente.

Para Martins, propiciar esse diálogo sobre o texto é a principal função do professor na aprendizagem da leitura:

A função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas a de

criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros. Trata-se antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias (MARTINS, 1982, p.34)

Para levar os alunos a lerem com frequência e ajudá-los a gostar de ler, o professor precisa mostrar-lhes que a leitura pode ser prazerosa e, ao mesmo tempo, útil. O aprendizado dela inicia-se na alfabetização e precisa ser um processo constante motivador para a criança. Nesse processo, é fundamental que as aulas sejam alegres, em locais e ambientes previamente planejados para esse fim, de modo que levem o aluno a ter interesse pelos livros.

Como dissemos, o aprendizado da leitura começa na alfabetização e se estende por toda a vida.

Como assegura Maria José Milharezi Abud:

(...) a alfabetização faz parte da formação da personalidade da criança e, neste sentido, não basta simplesmente que ela aprenda a ler e a escrever; mais do isto, é necessário que ela encontre na leitura uma motivação permanente. Deste modo, ela terá condições futuras de, através da leitura, poder participar das grandes tradições, da história da humanidade, da cultura e de comparar suas ideias com as dos outros, ampliando e reorganizando sua própria visão de mundo (ABUD, 1987, p. 5).

O caminho da aprendizagem por meio da leitura começa com dificuldades, as quais devem ser superadas paulatinamente pelo professor e pelos alunos, mas, para isso, é necessário ter convicção dos benefícios que ela traz. Da percepção das dificuldades, desencadeia-se

a busca por soluções, a partir daí, surge uma série de operações que visam ao conhecimento no qual as hipóteses são formuladas, testadas e revisadas tantas vezes quantas forem necessárias. É importante que no decorrer dessa trajetória o aluno consiga ler e compreender o que está lendo, em todo e qualquer nível de complexidade, de forma a tornar-se um sujeito autônomo e consciente. O leitor compreende o significado do que lê, apoderar-se desse conhecimento e transforma-o a partir de sua experiência pessoal, ou seja, lê para aprender e ampliar os conhecimentos a partir da leitura. O essencial é fazer da escola um ambiente propício à leitura, buscando meios em que todos possam percorrer para se tornarem cidadãos leitores.

O domínio das habilidades específicas da leitura se traduz como um dos atributos que evitam o fracasso escolar, oferecendo ao aluno maior chance de êxito como futuro profissional, permitindo desempenhar e lutar por um espaço justo no mundo atual. É imprescindível um olhar mais eficaz no que diz respeito à leitura, pois essa prática nos fornece a matéria-prima para superar os desafios que a realidade nos impõe.

### A LEITURA NA SALA DE AULA: UMA REALIDADE PREOCUPANTE

É importante considerar o princípio da leitura como uma prática sociocultural inserida em casa, na escola e na sociedade de forma geral, daí é que propusemos essa pesquisa, pautada em analisar as práticas docentes em relação à leitura. Para isso, investigamos a prática pedagógica de 15 docentes do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, de uma escola estadual em Colorado do Oeste - RO.

Acreditamos que a leitura é atividade essencial, mas queríamos ouvir dos professores pesquisados se também assim a consideravam. Ao serem questionados se para eles a leitura é atividade essencial, afirmaram considerá-la “indispensável para o ser humano”, e que deve ser inserida em casa pela família desde muito cedo, de modo a despertar o interesse da criança pelos livros e, na escola, o professor deve ser o elo para aguçar o hábito de ler nos alunos. Afirmaram ainda que a leitura desperta a curiosidade, orienta, traz conhecimento, prazer e que deve estar presente em nossa vida desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta.

Quando questionamos se se consideravam leitores assíduos e que tipos de leitura costumavam fazer, percebemos um pouco de apreensão por parte de alguns professores; ficaram incomodados e sentiram-se intimidados em admitir que, mesmo sabendo da importância de ler, não se reconheciam leitores assíduos. Alguns ainda acrescentaram que liam somente para preparar as aulas e por necessidade nos grupos de estudo da escola e formação continuada. Atribuíram essa realidade ao fato de que os afazeres diários (escola, família e outros) tomam muito tempo e impedem que leiam por prazer ou lazer.

Ezequiel Theodoro da Silva diz que o professor precisa dar testemunho aos alunos para que eles sejam leitores. Veja:

[...] para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja, ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado ‘Faça o que eu digo (ou ordeno); não faça o que eu faço (porque eu mesmo não sei fazer!)’ isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos

professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura (SILVA, 1989, p. 109).

Mesmo sendo a escola um dos lugares em que se prioriza a leitura e que deve ser uma constante a quem a ensina, a realidade é outra. Isso leva-nos a perceber que algo parece estar em descompasso, pois quando o professor afirma não ter tempo para se dedicar à leitura, como poderá incentivar seu aluno a gostar de ler?

Quando questionados sobre a prática de leitura na sala de aula, asseguraram ser de suma importância; afirmaram que a partir de uma aula de leitura bem preparada, com os objetivos claros, é que se pode despertar no aluno o gosto de ler. Disseram ainda que não basta ensinar o aluno a ler, mas é necessário levá-lo a gostar de ler. Ainda sobre o trabalho em sala de aula, perguntamos acerca dos tipos de leitura que oferecem aos alunos e com que frequência a utilizam. Segundo eles, diariamente utilizam o livro didático para a efetivação da leitura, pois é um material a que todos têm acesso. Informaram que, poucas vezes, utilizam textos impressos dos mais variados gêneros: conto, fábula, histórias em quadrinhos e outros, reafirmaram sobre a

importância da leitura, afirmando que “é através da leitura diária que se obtêm muitas informações que ajudam os alunos na realização das atividades e na construção de mais conhecimentos”. Disseram priorizar a leitura diariamente, mas que, por falta de recursos diversos, essa prática se torna maçante para o aluno. Pelas respostas, nota-se que os professores se preocupam em formar leitores, mas é constante sentirem-se frustrados por não alcançar os objetivos propostos.

A realidade preocupante a que nos referimos no subtítulo acima se justifica na contradição existente entre o que os professores responderam acerca da leitura e os objetivos pelos quais a trabalham em sala de aula. Quando perguntados com quais objetivos utilizam a leitura na sala de aula, as respostas foram contraditórias, pois anteriormente tinham afirmado que a consideravam como passaporte para a consolidação da cidadania; depois, disseram que a utilizam como meio para resolver atividades, produzir textos, relatórios, trabalhar a gramática e que poucas vezes utilizam-na para aguçar o conhecimento, despertar a curiosidade ou compreender a realidade. Percebemos que alguns estão mais preocupados em cumprir o planejamento de ensinar a gramática, a ortografia através da leitura do

que despertar no aluno o prazer de ler. Isso é preocupante, pois vai de encontro ao que ponderamos até agora neste trabalho.

Sabemos que tudo que é muito cobrado acaba ficando mal feito ou prejudicando o gosto em fazer. Se para toda atividade de leitura, o professor exigir uma atividade prática, provocará no aluno a insatisfação, o tédio, enfim, os benefícios não serão percebidos. Por isso, notadamente há certa antipatia de alguns alunos em relação à leitura. Isso se agrava visto que certos professores simplesmente não conseguem trabalhar leitura desacompanhada de qualquer cobrança. A leitura não pode ser algo imposto pelo professor, o gosto por esta atividade nasce e se desenvolve no sujeito a partir de atividades prazerosas concretas, de experiências vividas no cotidiano, dentro ou fora da escola. A curiosidade da criança pela leitura surge desde muito pequena quando pede para os pais lerem livros de historinhas ou quando lê imagem. São esses momentos oportunos que o professor precisa aproveitar para instigar este hábito, desenvolvendo um programa de leitura de acordo com as necessidades, interesses e aspirações dos alunos.

De acordo com o PCN/Língua Portuguesa:

(...) Para que a leitura possa constituir objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata (...) (PCN/LÍNGUA PORTUGUESA, 1997, p.54).

Para que isso ocorra, para se formar um leitor para toda a vida, o hábito, por si só, não se cria. Há que se desenvolver o gosto pela leitura. Durante toda a sua escolaridade o aluno precisa realizar trabalhos que o levem ao gosto de ler por prazer, de modo que reconheça a importância dessa prática em todos os momentos e não somente para realizar tarefas escolares. A escola tem um papel fundamental na relação que o aluno estabelece com a leitura, pois é responsável por esta formação, mas os trabalhos realizados na escola, numa perspectiva tradicional, contribuem muito pouco para o desenvolvimento efetivo do aluno em se tornar um leitor competente. Se a escola tem como primazia a formação de leitores, precisa urgentemente repensar certas situações e práticas, dentre elas não impor a leitura aos seus alunos,

mas criar meios pelos quais eles considerem-na como sinônimo de prazer e conhecimento.

Partindo então do pressuposto que o incentivo à leitura ainda consiste numa das maiores dificuldades para os professores e para as escolas, cabe expor algumas ações relevantes na tentativa de minimizar essa realidade. Um exemplo é representado pela atitude do professor em relação aos livros, pois sua postura frente a estes é fundamental para a formação do hábito de ler na criança. O entusiasmo contagia, mas quem não aprecia um livro, ou que não tem o hábito de leitura, pode desestimular o aluno, mesmo de forma inconsciente; que o espaço da leitura seja agradável, acolhedor e informal, na sala de aula ou seja na biblioteca. O que importa é a criança sentir-se à vontade para ali permanecer para entregar-se à leitura com prazer e familiarizar-se com o livro; os livros devem estar dispostos de forma a permitir à criança fácil manuseio. Às vezes a organização formal das prateleiras constitui barreira para o aluno, que se sente inibido e receoso de tocar nas obras; é fundamental a atualização dos livros, tendo em vista atender aos interesses e à fase de seu desenvolvimento.

Não estamos aqui propondo receitas mágicas, mas talvez um caminho pelo qual certamente

devêssemos percorrer, procurando ter atitudes responsáveis e dedicação àquilo que nos compete. Se formos olhar em nossa volta e ficar a todo o momento questionando o nosso tempo e afazeres, com certeza a nossa prática de educador ficará a desejar. O professor necessita ter consciência da importância de seu papel social e acreditar que seu trabalho precisa ser desenvolvido tendo como base uma das mais importantes atividades da escola e, por que não dizer, fora dela também: a leitura. A partir dela, o indivíduo pode constituir-se enquanto pessoa como membro efetivo de um grupo, e o professor contribuir para a consolidação de uma sociedade mais justa e consciente, com sujeitos pensantes, críticos, criativos, capazes de exercer a cidadania em todas as suas nuances.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos bibliográficos e de campo realizados para efetivação deste trabalho, pôde-se compreender o quanto é importante e necessário dar ênfase à leitura na prática diária da sala de aula. Por isso o incentivo na escola é fundamental, na prática diária do professor com seus alunos, por ser indispensável à

nossa existência no ambiente social e político, além de enriquecer e ampliar novos horizontes. Não se esquecendo de que para motivar os alunos a ler, a escola precisa disponibilizar-lhes um ambiente apropriado e com uma multiplicidade de materiais de leitura, além de proporcionar-lhes e proporcionar o direito de escolher o que querem ler. Nesse contexto, é fundamental a presença de um professor estimulador que também tenha o hábito da leitura. Com isso haverá uma grande flexibilidade, oportunizando interesses pela leitura.

A leitura na escola deve ser fundamentalmente um objeto de ensino, por isso fazem-se necessário superar algumas concepções sobre o seu aprendizado e desenvolvimento. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande número de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que leem.

Pode-se analisar que muitos alunos são obrigados a reproduzir os significados já constatados e cristalizados pelo professor, não lhes proporcionando novas possibilidades de significação para os textos, um mecanismo restrito, convergente e em total desacordo

com a natureza do ato de ler. Geralmente são compostos de leitura de textos, respostas a um questionário, entre outros. É imperativo que a postura pedagógica do educador volta-se a um trabalho segundo o qual os sujeitos leitores atinjam ou produzam o maior número possível de significações para os textos, trazendo para si uma compreensão mais ampla e refinada da realidade. O educador poderá estabelecer tempo e espaço para que os alunos expressem sobre os referenciais dos textos, sistematizando as ideias geradas, aprendendo com elas e fornecendo outros sentidos que não conseguiram identificar a fim de se constituir em dinâmica viva de significados através da leitura.

Salientamos, ainda, que desenvolver o gosto pela leitura na escola depende de um processo contínuo. Se a criança vivencia na família boas experiências de leitura, seu ingresso na escola será encarado como parte de um processo e não como mudança radical de vida. A criança tendo contato com a leitura desde os primeiros meses de vida, a alfabetização se dará com naturalidade e espontaneidade, cabendo ao professor apenas orientar, esclarecer dúvidas e zelar para que haja desenvolvimento constante. Disponibilizar técnicas e dinâmicas de leitura que agradem às crianças e que

tragam resultados positivos, é obrigação constante dos educadores.

Vale ressaltar também que é imperativo que os professores sejam leitores assíduos; que sirvam de exemplo para os alunos; que reconheçam na leitura possibilidades para desenvolver o conhecimento em todas as áreas. Assim, certamente muitos problemas relativos à prática docente serão minimizados e cada indivíduo, por meio das múltiplas leituras possíveis, sejam de livros, ou de mundo, possa exercer sua cidadania, lutar por seus direitos, pela liberdade, pela justiça e, por que não, pela ascensão pessoal e coletiva de que tanto necessitamos.

#### REFERÊNCIAS

ABUD, Maria José Milharezi. **O Ensino da Leitura e da Escrita na fase inicial da Escolarização**. São Paulo: EPU, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**, 1997; V. 1.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10ª edição. São Paulo: Ed. Scipione, 2003.

FERREIRO, Emília; GOMES PALÁCIO, Margarita. Coord. **Os Processos de Leitura e Escrita**. 3ª edição. Porto Alegre: Arned, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 11ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5ª edição. Campinas: Papirus, 1989.

TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana (Org). **Além da Alfabetização**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

Recebido em: 01/08/2014

Aprovado em: 16/12/2015

Publicado em: 29/01/2016